

HERTA MÜLLER

Tudo o que tenho levo comigo

Tradução

Carola Saavedra



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Carl Hanser Verlag München

A tradução desta obra recebeu o apoio do Goethe-Institut,
financiado pelo Ministério das Relações Exteriores da Alemanha.



*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Atemschaukel

Capa
Elisa v. Randow

Foto de capa
© PEMCO — Webster & Stevens Collection/ Museum of History
and Industry, Seattle/ Corbis (DC)/ LatinStock. e. 1913

Preparação
Ieda Lebensztayn

Revisão
Márcia Moura
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Müller, Herta

Tudo o que tenho levado comigo / Herta Müller ; tradução Carola Saavedra. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original : Atemschaukel.
ISBN 978-85-359-1848-9

1. Romance alemão I. Título.

11-03024

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura alemã 833

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

- Sobre fazer as malas, 9
Erva-armoles, 25
Cimento, 37
As mulheres de cal, 43
A sociedade entrelopo, 45
Madeira e algodão, 51
Tempos emocionantes, 55
Sobre as viagens, 61
Sobre as pessoas severas, 66
Umagotadesorteemdemasia para Irma Pfeifer, 70
Álamos negros, 73
Lenço e ratos, 78
Sobre a pá de coração, 84
Sobre o Anjo da Fome, 88
Aguardente de alcatrão, 94
Zepelim, 95
Sobre o membro fantasma do relógio cuco, 99

Kati-Plantão, 103
O caso do crime do pão, 109
A Madona do Quarto Crescente, 117
Do próprio pão ao pão da face, 122
Sobre o carvão, 125
Como os segundos se estendem, 128
Sobre a areia amarela, 129
Os russos também têm seus truques, 133
Sobre os abetos, 137
Dez rublos, 140
Sobre o Anjo da Fome, 145
Os segredos latinos, 147
Blocos de escória, 155
O frasco crédulo e o frasco cético, 159
Sobre o envenenamento por luz diurna, 166
Cada turno é uma obra de arte, 170
Quando um cisne canta, 172
Sobre a escória, 174
O cachecol de seda vermelho-vinho, 180
Sobre as substâncias químicas, 184
Quem trocou o país, 190
O homem-batata, 193
Céu embaixo, terra em cima, 201
Sobre os vários tipos de tédio, 203
Irmão substituto, 211
No espaço em branco sob a linha, 214
A corda de Minkowski, 216
Cães negros, 220
Uma colherada a mais, uma a menos, 222
Um dia meu Anjo da Fome foi advogado, 224
Tenho um plano, 227
O beijo de latão, 228

O desenrolar das coisas, 231
A lebre branca, 233
Nostalgia. Como se eu precisasse dela, 234
Um momento de lucidez, 241
Leviano como feno, 243
Sobre a sorte do campo de trabalho, 246
Vive-se. Vive-se somente uma vez, 250
Um dia caminharei por lugares elegantes, 255
Profundas como o silêncio, 263
O paralisado, 264
Você tem uma filha em Viena, 270
A bengala, 278
Cadernos pautados, 281
Eu ainda sou o piano, 284
Sobre os tesouros, 292
Epílogo, 297

Sobre fazer as malas

Tudo o que tenho levo comigo.

Ou: tudo meu levo comigo.

Levei tudo o que eu tinha. Meu não era. Ou tinha outra função ou pertencia a outra pessoa. A mala de couro de porco era a pequena caixa de um gramofone. O guarda-pó pertencera ao meu pai. O sobretudo com gola de veludo, ao meu avô. A calça bufante, ao meu tio Edwin. As polainas de couro, ao vizinho, o sr. Carp. As luvas de lã verde, à minha tia Fini. Apenas o cachecol de seda vermelho-vinho e a nécessaire eram meus, presentes dos últimos natais.

A guerra ainda não terminara em janeiro de 1945. Apavorados com o fato de que, em pleno inverno, os russos me obrigassem a ir sabe-se lá para onde, todos queriam me dar alguma coisa que talvez fosse útil, já que nada poderia ajudar. Porque nada no mundo poderia ajudar. Como eu estava definitivamente na lista dos russos, cada um me deu alguma coisa, guardando para si os seus próprios pensamentos. E eu aceitei, pensando,

com meus dezessete anos, que essa viagem vinha na hora certa. Não deveria ser por causa da lista dos russos; mas, se a situação não ficar muito ruim, para mim será até bom. Eu queria ir embora daquele dedal de cidade onde até as pedras tinham olhos. Em vez de medo eu sentia uma impaciência encoberta. E certa culpa, já que a lista que fazia meus parentes desesperarem-se era para mim uma circunstância aceitável. Eles temiam que algo pudesse acontecer comigo longe de casa. Eu queria partir, para um lugar que não me conhecesse.

Algo já havia acontecido comigo. Algo proibido. Era estranho, sujo, desavergonhado e belo. Aconteceu no Erlenpark, bem lá atrás, depois do morro de grama baixa. Voltando para casa, fui até o centro do parque, até o caramanchão redondo onde as orquestras se apresentavam nos dias festivos. Fiquei algum tempo ali sentado. A luz entrava pela madeira finamente talhada. Eu via o medo dos círculos, quadrados e trapézios vazios, unidos por arabescos brancos com garras. Era o desenho do meu desvio. E o desenho do desgosto da minha mãe. Naquele caramanchão, eu jurei para mim mesmo: nunca mais volto a este parque.

Quanto mais eu evitava, mais rapidamente eu voltava ali — dois dias mais tarde. Para um rendez-vous, era como chamavam aquilo no parque.

Eu fui para o segundo rendez-vous com o mesmo primeiro homem. Ele se chamava A ANDORINHA. O segundo era um novo, chamava-se O PINHEIRO. O terceiro se chamava A ORELHA. Depois veio A LINHA. Depois O PAPA-FIGOS e O BOINA. Mais tarde O COELHO, O GATO, A GAIVOTA. Então A PÉROLA. Somente nós sabíamos a quem pertencia cada nome. Era um troca-troca no parque, eu me deixava passar de mão em mão. E era verão, e as bétulas tinham a pele branca, no matagal de jasmims e sabugueiros crescia a parede verde feita de impenetrável folhagem.

O amor tem suas estações. O outono dava um fim ao par-

que. A madeira ficava nua. Os rendez-vous se mudavam conosco para as termas Netuno. Pendurado, ao lado do portão de ferro, o emblema oval com o cisne. Todas as semanas eu me encontrava com aquele que tinha o dobro da minha idade. Ele era romeno. Ele era casado. Não direi como ele se chamava, nem como eu me chamava. Chegávamos separados, a mulher do caixa, na janela selada a chumbo de seu cubículo, o chão de pedras espelhado, a coluna redonda central, os azulejos das paredes decorados de nenúfares, as escadas de madeira talhada não deveriam sequer suspeitar que havíamos marcado um encontro. Íamos até a piscina nadar com os outros. Somente nas saunas é que nos encontrávamos.

Na época, pouco antes do campo de trabalho, assim como após a minha volta, até 1968, quando deixei o país, cada rendez-vous poderia ter me levado à prisão. No mínimo cinco anos, se me tivessem descoberto. Alguns foram pegos. Saíam diretamente do parque ou das termas para a prisão, depois de interrogatórios brutais. Dali para o campo penitenciário junto ao canal. Hoje eu sei: do canal não se voltava. E quem retornava, mesmo assim, o fazia transformado num cadáver ambulante. Envelhecido e arruinado, inservível para qualquer tipo de amor neste mundo.

E na época do campo de trabalho — se tivesse sido pego, estaria morto.

Depois dos cinco anos no campo de trabalho eu vagava dia após dia pelo tumulto das ruas, ensaiando mentalmente as melhores frases para o caso de ser preso: PEGO EM FLAGRANTE — pensei em mais de mil desculpas e álibis para essa acusação. Levo comigo uma bagagem silenciosa. Fechei-me tão profundamente e por tanto tempo no silêncio que nunca consigo abrir-me através das palavras. Apenas me fecho de outras formas quando falo.

No último verão de rendez-vous, para prolongar o caminho de volta do Erlenpark até em casa, entrei por acaso na igreja da

Santíssima Trindade da Großer Ring. Esse acaso atuou como destino. Eu vi os tempos que estavam por vir. Ao lado do altar lateral, numa coluna, estava o santo com seu manto cinza, e levava à guisa de gola um cordeiro na nuca. Esse cordeiro na nuca é o silêncio. Há coisas sobre as quais não falamos. Mas eu sei do que estou falando quando digo, o silêncio na nuca é diferente do silêncio na boca. Antes, durante e depois do meu tempo no campo de trabalho, durante vinte e cinco anos vivi com medo, do Estado e da família. Da dupla queda: que o Estado me encarcerasse como um criminoso e que a família me repudiasse como uma desonra. No meio da multidão nas ruas, me vi no reflexo das vitrines, das janelas dos bondes e das casas, nos chafarizes e poças, pensando incrédulo que talvez eu fosse mesmo transparente.

Meu pai era professor de desenho. E eu, com as termas Netuno na cabeça, me encolhia como se me tivessem dado um chute quando ele usava a palavra AQUARELA. A palavra sabia o quão longe eu havia ido. Minha mãe dizia à mesa: Não parta a batata com o garfo, ela vai se desfazer; use a colher, o garfo se usa para a carne. Minhas têmeoras latejavam. Por que ela fala de carne se se trata de batata e um garfo. De que carne ela está falando. Os rendez-vous me haviam virado a carne do avesso. Eu era o meu próprio ladrão, as palavras caíam inesperadamente e me atingiam.

Minha mãe e, principalmente, meu pai, como todos os alemães na pequena cidade, acreditavam na beleza das tranças loiras, das meias brancas até o joelho. No quadrado preto do bigode de Hitler e nos saxões de Siebenbürgen como raça ariana. Meu segredo, visto sob o aspecto puramente físico, já era altamente execrável. Sendo com um romeno, acrescentava-se o crime de “desonra da raça”.

Eu queria ir para longe da família, mesmo que fosse para o

campo de trabalho. Tinha, porém, pena de minha mãe, que ignorava o pouco que me conhecia. Que, quando eu estiver longe, pensará mais em mim do que eu nela.

Ao lado do santo com o cordeiro do silêncio na nuca, eu vira na igreja o nicho branco da parede com a inscrição: O CÉU PÕE O TEMPO EM MARCHA. Ao fazer minha mala, pensei: o nicho branco funcionou. Este é o tempo posto em marcha. Além disso, eu estava feliz de não ter que ir para a guerra, para a neve no front. Fui fazer as malas com resignação e burra valentia. Eu não me defendia de nada. Polainas de couro com cadarços, calças bufantes, um sobretudo com gola de veludo — nada me servia. Tratava-se do tempo posto em marcha, não das roupas. Seja com essas coisas, ou com outras, nos tornamos adultos de qualquer forma. O mundo não é nenhum baile à fantasia, pensei, mas ninguém que tenha de ir à Rússia em pleno inverno pode ser considerado ridículo.

Uma patrulha de dois policiais, um romeno e um russo, ia com a lista de casa em casa. Eu já não sei se a patrulha pronunciou a expressão CAMPO DE TRABALHO em nossa casa. E se não o fez, que outra palavra além de RÚSSIA. E se o fez, então a expressão campo de trabalho não me assustou. Apesar dos tempos de guerra e do silêncio dos meus rendez-vous na nuca, eu continuava afundado com meus dezessete anos numa infância extremamente ingênua. A mim atingiram as palavras *aquarela* e *carne*. Para a expressão CAMPO DE TRABALHO, meu cérebro estava surdo.

Na época, à mesa, com a batata e o garfo, quando minha mãe me pegou de surpresa com a palavra *carne*, lembrei-me também de que uma vez, quando criança, estava brincando no pátio lá embaixo e minha mãe gritou da janela da varanda: Se você não vier se sentar à mesa imediatamente, se eu tiver que te chamar mais uma vez, é melhor ficar aí onde está. E como

eu continuei mais algum tempo lá embaixo, quando subi ela disse:

Agora você pode arrumar a sua mochila e sair pelo mundo e fazer o que bem entender. Ao falar isso, puxou-me para o quarto, pegou a pequena mochila e enfiou meu boné de lã e meu casaco lá dentro. Perguntei: Mas para onde eu vou, se afinal eu sou seu filho.

Muitas pessoas acham que fazer a mala é uma questão de treino, aprende-se fazendo, como cantar ou rezar. Nós não tínhamos treino, tampouco tínhamos malas. Quando meu pai teve que ir para o front juntar-se aos soldados romenos, não havia nada para levar. Como soldado recebe-se tudo, faz parte do uniforme. Para a viagem, para o frio; fora isso, não sabíamos para que fazíamos as malas. O adequado não se tem, improvisa-se. O errado torna-se o necessário. O necessário é então a única coisa adequada, porque é o que temos.

Minha mãe trouxe o gramofone da sala de estar e colocou-o sobre a mesa da cozinha. Com uma chave de fenda, transformei a pequena caixa do gramofone em mala. Tirei primeiramente o mecanismo de rotação e o prato do disco. Depois fechei com uma rolha o buraco onde havia estado a manivela. O forro interno ficou lá, de um cetim avermelhado. Tampouco desmontei a placa triangular com o cão diante do funil HIS MASTER'S VOICE. Coloquei quatro livros no fundo da mala: o *Fausto* em encadernação de linho, o *Zaratustra*, o fino Weinheber e a coleção Oito Séculos de Poesia. Nenhum romance, que estes se leem somente uma vez e nunca mais. Sobre os livros coloquei a nécessaire. Dentro dela havia: 1 frasco de *eau de toilette*, 1 frasco de loção de barbear TARR, 1 sabonete de barbear, 1 lâmina de barbear, 1 pincel de barbear, 1 pedra-ume, 1 sabonete, 1 tesoura de unhas. Ao lado da nécessaire coloquei 1 par de meias de lã (marrons, já remendadas), 1 par de meias até o joelho, 1 camisa de flanela

quadriculada vermelha e branca, 2 cuecas de *reps*. Por cima de tudo, o novo cachecol de seda, para que não amassasse. Era quadriculado vermelho-vinho, às vezes brilhante, às vezes opaco. Com isso a mala estava cheia.

Então o embrulho: 1 cobertor (de lã, quadriculado em azul-claro e bege, um volume enorme — mas não aquecia). E enrolado lá dentro: 1 guarda-pó (sal e pimenta, já bastante usado) e 1 par de polainas de couro (velhíssimas, da Primeira Guerra, amarelo-melão com tirinhas).

Então o saco de pão com: 1 presunto em conserva marca Scandia, 4 sanduíches, alguns biscoitos que haviam sobrado do Natal, 1 cantil com água e uma caneca.

Então minha avó colocou a mala de gramofone, o embrulho e o saco de pão junto à porta. Os dois policiais haviam anunciado a sua chegada para a meia-noite, então iriam buscar-me. A bagagem estava pronta ao lado da porta.

Então eu me vesti: 1 ceroula comprida, 1 camisa de flanela (quadriculada bege e verde), 1 calça bufante (cinza, como disse, do tio Edwin), 1 casaco com mangas de malha, 1 par de meias de lã e 1 par de coturnos. As luvas verdes da tia Fini estavam à mão sobre a mesa. Ao amarrar meus coturnos, lembrei-me de que minha mãe, havia muitos anos, nas férias de verão no Wench, usara uma roupa de marinheiro feita por ela mesma. Na metade do passeio pelo campo ela se deixou cair na grama alta, fingindo-se de morta. Eu tinha oito anos na época. Esse horror, o céu despencou sobre a grama. Eu fechei os olhos para não ver como ele me engolia. Minha mãe levantou-se num salto, me sacudiu e disse: Como você gosta de mim, olha só, eu ainda estou viva.

Já havia amarrado os coturnos. Sentei-me à mesa e esperei pela meia-noite. E a meia-noite veio, mas a patrulha estava atrasada. Tiveram que se passar três horas, era quase insuportável. Então eles chegaram. A mãe segurou para mim o sobretudo com

a gola de veludo negro. Vesti-o. Ela chorou. Eu pus as luvas verdes. No corredor de madeira, bem ao lado do medidor de gás, minha avó disse: EU SEI QUE VOCÊ VAI VOLTAR.

Não guardei essa frase intencionalmente. Levei-a distraído para o campo de trabalho. Eu não tinha a menor ideia de que ela me acompanhava. Mas uma frase assim é algo autônomo. Ela teve efeito sobre mim, mais do que os livros que eu levava. EU SEI QUE VOCÊ VAI VOLTAR tornou-se cúmplice da pá de coração e adversário do Anjo da Fome. Como voltei, posso dizer: uma frase assim nos mantém vivos.

Eram três horas da madrugada de 15 de janeiro de 1945 quando a patrulha me levou. O frio se instalava, fazia quinze graus negativos. Atravessamos a cidade vazia num caminhão coberto com toldo até o pavilhão. Era o salão de festas dos saxões. Agora transformado em campo de agrupamento. No pavilhão se espremiavam cerca de trezentas pessoas. No chão havia colchões e sacos de palha. Os carros continuaram a chegar durante toda a noite, inclusive dos vilarejos próximos, descarregando as pessoas que haviam sido recolhidas. Quando amanheceu eram por volta de quinhentas. Naquela noite, qualquer cálculo teria sido em vão, não se tinha uma visão do conjunto. A luz do pavilhão se manteve acesa durante toda a noite. As pessoas perambulavam de um lado a outro procurando por conhecidos. Dizia-se que na estação de trens haviam requisitado carpinteiros que pregassem leitos de madeira fresca nos vagões para transporte de animais. E outros obreiros construíam estufas de ferro nos trens. Outros serravam buracos sanitários no chão. Com olhos bem abertos, falava-se muito e em voz baixa e, com olhos apertados, chorava-se muito e baixo. O ar tinha cheiro de lã velha, medo suado e carne assada gordurosa, biscoitos de baunilha e aguardente. Uma mulher tirou o lenço que usava na cabeça. Era com certeza de algum vilarejo, sua trança dava duas voltas, presa com

um pente feito de chifre no alto da cabeça. Os dentes do pente de chifre desapareciam por entre os cabelos; da sua borda ondulada, viam-se apenas as extremidades, como pequenas orelhas pontudas. Com as orelhas e a grossa trança, a parte de trás da cabeça parecia um gato sentado. Eu estava ali, sentado feito um espectador entre pernas e montes de bagagens. Por alguns minutos o sono me anestesiou e sonhei:

Minha mãe e eu estamos no cemitério diante de uma sepultura recém-fechada. Bem no meio cresce uma planta com folhas peludas, tem metade da minha altura. Na haste há uma cápsula com uma alça de couro, uma pequena mala. A cápsula está semiaberta, acolchoada com veludo avermelhado. Não sabemos quem morreu. Minha mãe diz: Pegue o giz no bolso do seu sobretudo. Eu não trouxe, digo. Quando ponho a mão no bolso, encontro um pedaço de giz de alfaiate. Minha mãe diz: Temos que escrever um nome curto na mala. Vamos escrever MARTA, ninguém que conhecemos se chama assim. Eu escrevo MORTE.

No sonho, era claro que eu havia morrido, mas não queria contar para minha mãe ainda. Acordei num sobressalto, um homem velho com um guarda-chuva se sentou ao meu lado sobre o saco de palha e disse ao meu ouvido: Meu cunhado ainda quer vir, mas o pavilhão está sendo vigiado por todos os lados. Eles não o deixam entrar. Ainda estamos na cidade e ele não pode vir para cá e eu não posso voltar para casa. De cada um dos botões de prata de seu paletó voava um pássaro, um pato selvagem, ou mais provavelmente um albatroz. Ao me inclinar ainda mais, a cruz da insígnia que trazia no peito transformou-se numa âncora. O guarda-chuva permanecia, feito uma bengala de passeio, entre mim e ele. Perguntei: Vai levá-lo consigo. Lá parece que neva ainda mais do que aqui, disse ele.

Não nos disseram quando nem como teríamos que ir do pavilhão até a estação de trens. Poderíamos, prefiro dizer, por-

que eu queria finalmente ir para a Rússia, mesmo num vagão de transporte de animais, com caixa de gramofone e gola de veludo no pescoço. Eu já não lembro como chegamos até a estação. Os vagões para animais eram altos. Também o procedimento de embarque eu esqueci: é que passamos tão longos dias e noites nos vagões de animais, como se estivéssemos ali desde sempre. Também não sei mais quanto tempo durou a viagem. Eu era da opinião de que viagens longas significavam viagens para longe. Enquanto estivermos viajando, nada pode nos acontecer. Enquanto viajamos, está tudo bem.

Homens e mulheres, jovens e velhos, com as malas na cabeceira dos leitos de madeira. Falam e silenciam, comem e dormem. Garrafas de aguardente passavam de mão em mão. Quando a viagem já se havia tornado cotidiano, começaram aqui e ali algumas carícias furtivas. Observava-se com um olho e, com o outro, desviava-se o olhar.

Eu estava sentado ao lado da Trudi Pelikan e disse: Tenho a impressão de estar numa excursão de esqui nos Cárpatos, na cabana do lago Bâlea, onde metade de uma turma de colégio foi engolida pela avalanche. Isso não vai acontecer com a gente, afirmou ela, não trouxemos equipamento de esqui. Com uma caixa de gramofone é possível “cavalgar, cavalgar, pelo dia, pela noite, pelo dia”, você conhece Rilke, não conhece, disse Trudi Pelikan com seu sobretudo evasê, com punhos de pele que chegavam quase até os cotovelos. Punhos de pelo marrom como duas metades de um cãozinho. Às vezes Trudi Pelikan colocava as duas mãos cruzadas dentro das mangas, e as duas metades de cão se transformavam num cãozinho inteiro. Naquela época eu ainda não havia visto as estepes, senão teria pensado em esquilos da terra. Trudi Pelikan cheirava a pêssegos quentes, até mesmo pela boca, até mesmo no terceiro, quarto dia no vagão de animais. Com seu sobretudo, ela parecia uma dama no bonde a ca-

minho do escritório e me contava que durante quatro dias ela se escondera num buraco na terra no jardim dos vizinhos, atrás do galpão. Mas então veio a neve, cada passo entre a casa, o galpão e o buraco na terra ficava à vista. Sua mãe já não podia trazer-lhe comida em segredo. Podiam-se ver as pegadas por todo o jardim. A neve a denunciava, teve que abandonar voluntariamente seu esconderijo, voluntariamente obrigada pela neve. Eu nunca perdoarei a neve por isso, disse Trudi. Não é possível reproduzir a neve recém-caída, não é possível ajeitar a neve de modo que ela pareça intocada. Pode-se ajeitar a terra, ela disse, a areia também, e até a grama, se nos dedicarmos. E a água se ajeita sozinha, porque ela engole tudo e se fecha novamente ao engolir. E o ar já está sempre ajeitado porque não podemos enxergá-lo. Tudo teria silenciado, com exceção da neve, disse Trudi Pelikan. Que a neve grossa carregava consigo a culpa principal. Que ela caísse precisamente sobre a cidade como se soubesse onde se encontrava, como se estivesse em casa. Mas que imediatamente se pusera a serviço dos russos. Por causa da traição da neve eu estou aqui, disse Trudi Pelikan.

O trem seguiu por doze ou catorze dias, incontáveis horas, sem parar. Então parou por incontáveis horas, sem seguir. Onde estávamos não sabíamos. Com exceção de quando alguém, em cima do leito mais alto, conseguiu ler através de uma fenda na pequena janela uma placa da estação de trens: BUZĂU. A estufa de ferro no meio do vagão se agitava. As garrafas de aguardente circulavam. Todos estavam levemente embriagados, alguns da bebida, outros da incerteza. Ou de ambos.

O que poderia haver nas palavras DEPORTADO PELOS RUSOS passava pelas nossas cabeças, mas não pelo espírito. Para o paredão eles só poderiam mandar-nos quando chegássemos, e ainda estávamos em trânsito. Que ainda não nos houvessem mandado para o paredão e nos executado, como conhecíamos

da propaganda nazista, era algo que nos deixava quase despreocupados. Os homens aprenderam, no vagão de animais, a beber despropositadamente. As mulheres aprenderam a cantar despropositadamente:

*No bosque a dafne floresce
Na sepultura ainda há neve
E agora me entristece
A cartinha, que você me escreveu.*

Sempre a mesma canção, até não se saber mais se estavam cantando de verdade ou não, porque o ar cantava. A canção se agitava em nossas cabeças adaptando-se ao ritmo do trem — um blues de vagão de animais e uma canção quilométrica do tempo posto em marcha. Tornou-se a canção mais longa da minha vida, as mulheres a cantaram durante cinco anos, tornando-a tão nostálgica como todos nós. A porta do vagão havia sido selada por fora. Ela foi aberta quatro vezes, uma porta corrediça. Ainda estávamos em território romeno quando, por duas vezes, meia cabra, nua e serrada na transversal, foi jogada dentro do vagão. Ela estava congelada, dura, e ressoou ao bater no chão. A primeira cabra usamos como lenha para o fogo. Nós a quebramos em pedaços e os queimamos. Ela era tão seca que quase não tinha cheiro, queimava bem. Na segunda cabra, a palavra PASTRAMI ficou dando voltas, carne curada ao ar livre. Queimamos também a nossa segunda cabra, e rimos. Ela era tão dura e lívida como a primeira, um horrível amontoado de ossos. Rimos cedo demais, fomos arrogantes demais e desdenhamos as duas caritativas cabras romenas.

A confiança crescia com a extensão do tempo. Na estreiteza sucediam os pequenos acontecimentos, sentar-se, levantar-se. Remexer nas malas, tirar coisas da mala, arrumar coisas na mala.